

# A "SEARA NOVA,"

Contribuição atrasada para a sua história

por HERNANI CIDADE

ESTA celebração das bodas de prata da *Seara Nova* é o melhor ensejo para eu lhe dar o que sem excessiva grandiloquência poderei chamar a *reparação* que lhe devo.

Sucedeu que tendo, em 1942, escrito para a *História da Literatura Portuguesa Ilustrada dos séculos XIX e XX*, planeada por Forjaz de Sampaio e publicada pela Livraria F. Machado, do Porto, o seu último capítulo — *O século XX* — nele inseri um parágrafo — *Da «Aguia» ao «Orfeu»* — em que me refiro à literatura que, interessada pela coisa política, foi elaborada logo depois da implantação da República, em 1910. Nele me refiro à *Aguia* e à *Nação portuguesa* — a primeira como ponto de convergência dos intelectuais que aceitaram a República como condicionamento, ao menos provisoriamente indiscutível, de progresso espiritual, e a segunda como portavoz dos que, na oposição irreductível, apostolavam o regresso à monarquia orgânica, integralista. Ao escrever este parágrafo, guardava em mente, para a altura própria, falar da *Seara Nova* e de quanto em matéria de actividade cultural atenta à política ou por ela suscitada — ensaio, oratória ou imprensa — se tinha produzido depois da primeira Grande Guerra.

O capítulo não foi escrito de uma assentada, que permitisse graduar-lhe as proporções e, assim harmónico e proporcionado, adequá-lo ao espaço a ele reservado. Foi sendo, pelo contrário, enviado aos bocados para a tipografia, que do mesmo passo o ia compondo. E como era enorme a massa de factos e de idéias a organizar, cada aspecto de uns e outros exigindo espaço muito mais largo do que o que lhe podia ser dado, succedeu o inevitável: uma disposição da matéria em forma de funil, de principio com a amplitude próxima da reclamada pelo assunto e cada vez mais com estreiteza imposta pela limitação das páginas a preencher. A angústia cada vez maior destas reduziu a notas rápidas de autores e livros os últimos parágrafos; e todo um deles — o que incluía a referência à *Seara* — depois de baldadas as tentativas diligentes da pessoa que então dirigia a publicação, para reduzir a matéria, houve de ser cortado. Os cálculos do editor estabeleceram orçamento para certo número de fascículos e era impossível derubar o dique levantado diante do grosso alastrar daquela prosa...

Creio que não importa neste momento qualquer prejuízo para obra já vendida e que, sejam quais forem as suas deficiências, tem méritos indiscutíveis e evidentes a impô-la, confessar eu próprio o que o leitor atento com surpresa terá reconhecido na minha colaboração — o aspecto de coisa mutilada, ou inacabada que ela oferece. É-o, sem dúvida, toda a história da cultura nacional do último quar-

tel que, falando da *Nação Portuguesa*, cale o nome da *Seara Nova*, e não informe da acção que, no sentido da formação cultural e cívica do português, ela tem vindo a realizar durante os últimos vinte e cinco anos.

\* \* \*

Na impossibilidade de, neste momento, escrever, mesmo em resumo, a história da *Seara Nova*, quero que dela fique um dos mais significativos episódios que precederam o seu aparecimento.

Era em 1921, no Porto, onde então eu era professor do Liceu e da Faculdade de Letras. Combinara-se um jantar no Palácio de Cristal, para se estabelecerem as relações da *Renascença Portuguesa* com a *Seara Nova*, então em formação. Assistiam Leonardo Coimbra e Augusto Martins como representantes da *Renascença*, e Jaime Cortesão, Câmara Reys e Augusto Casimiro, como representantes da *Seara*. Pina de Moraes e eu, posto que ligados à *Renascença*, não tínhamos então nela funções directivas e tomávamos parte no ágape como amigos de ambos os grupos, sem voto deliberativo.

A *Aguia* andava então pelos 10 anos da sua segunda fase. Eram 10 anos de actividade não apenas de ordem metafísica e lírica. Tinha feito mais alguma coisa do que descobrir o *saudosismo* ou o *criacionismo*. Tinha criado uma Universidade Popular e iniciado intensa e utilíssima actividade publicitária. A saída para o Brasil de Álvaro Pinto, alma do movimento, e as consequências da guerra haviam moderado toda aquela febre de acção, mas a criação da Faculdade de Letras do Porto e o seu grupo de professores, sob a direcção de Leonardo Coimbra, haviam-lhe dado novos alentos. O grupo da *Seara*, que o fora activamente da *Aguia* — órgão da *Renascença* — tentava uma fusão das duas revistas, ou, pelo menos, a cooperação mais íntima e paralela que se pudesse combinar. Os representantes da *Aguia* nem queriam fundir uma obra existente com outra apenas na esfera dos possíveis, nem estavam dispostos a tomar para o futuro os compromissos que uma perfeita realização do plano da *Seara* pudesse fazer cumprir. Era para tal necessária uma convergência *simpática* de propósitos, uma perfeita anulação do espírito de personalismo — e nós sabemos como isso é difícil. O personalismo envenena as seivas mais fortes do individualismo, formidável força, inventiva e criadora, e todos somos testemunhas de que mais de uma vez o pode levar ao suicídio...

A discussão foi sem cordealidade. As abelhas do Himeto do espírito moço e gentil, misturaram-se, no ar quente de Junho, com os mordazes atabões da irreprimível antipatia. A certa altura, Leonardo, sempre imaginoso e eloquente:

— A literatura que se prolonga em política, dá-me ideia de um funil — largo de um lado para abranger o infinito, do outro estreito segundo as medidas do concreto...

E Câmara Reys, sempre faceto e vivo:

— Ó Coimbra, olhe que, na política, um funil desses é sempre um grande canudo!

Resultado: levantámo-nos da mesa muito longe da união ou da convergência tentada. Desse grupo da Renascença apenas eu, com muita assiduidade durante bastante tempo, e Pina de Moraes, raramente, colaborámos na *Seara*. Os restantes mantiveram-se até à morte de costas voltadas ao movimento *seareiro*.

Morreu a *Águia* com a extinção da Faculdade de Letras do Porto, o abandono de Leonardo e Martins. Continua viva a *Seara*, na prossecução de uma obra que, nem ainda limitada pelas cir-

cunstâncias, deixa de ser das mais beneméritas que se realizam em Portugal.

Um grande e raro mérito se lhe não poderá negar: o abnegado, perfeito desinteresse idealista dos homens que a dirigem e nela colaboram. Continuam a dar o primado, na actividade política, à educação do cidadão, estimulando-o por todas as formas a tomar interesse consciente, esclarecido de cultura, pelos destinos nacionais e humanos. Procura submeter os impulsos sentimentais à razão crítica, no apreço e na hierarquização dos valores do presente e do passado. Quando lhe foi possível mais directa intervenção na coisa pública, todos lembram que a sua acção, salvo breve, fugacíssimo intervalo de cooperação num ministério de vida efémera, foi de crítica austera, elevada, desassombadíssima dos erros e desmandos com que a política dos partidos se estava suicidando. Limitada a sua acção, não desapareceu a sua essencial razão de ser. Ela consiste na continuação do esforço, desde início cumprido, pela formação cultural do cidadão português, de certa forma uma espécie de propedêutica da sua formação cívica e política.

---

## 1619

*Da terra negra à terra vermelha  
por noites e dias fundos e escuros,  
como os teus olhos de dor embaciados,  
atravessaste esse manto de água verde*

— estrada da escravatura  
comércio de holandeses —

*Por noites e dias para ti tão longos  
e tantos como as estrelas no céu,  
tombava o teu corpo ao peso de grilhetas e chicote  
e só o ritmo de chap-chape da água  
acordava no teu coração a saudade  
da última réstea de areia quente  
e da última palhota que ficou para trás.*

*E já os teus olhos estavam cegos de negrume  
já os teus braços arroxavam de prisão  
já não havia deuses, nem batuques  
para alegrarem a cadência do sangue nas tuas veias  
quando ela, a terra vermelha e longínqua  
se abriu para ti...*

— e foste 40 £ esterlinas  
em qualquer estado do sul.

FRANCISCO JOSÉ TENREIRO